



## Linha erótica

- [Hot Red Hot](#)
- Artista(s): Luísa Cunha
- Instalação.

## Crítica Ípsilon por: Óscar Faria



●Mau ★Mediocre ★★Razoável ★★★Bom ★★★★★Muito Bom ★★★★★Excelente

9 de 13 pessoas acharam útil a crítica que se segue.

Na Rua dos Caldeireiros, no Porto, pode ler-se uma frase, em contínuo, grafitada sobre o cimento e o empedrado do chão. A hipnótica repetição, inscrita a vermelho, prolonga-se para o interior do A Certain Lack of Coherence, uma opção que acrescenta a esta intervenção de Luisa Cunha (1949, Lisboa) leituras relacionadas com o exercício do desenho. A linha atravessa obliquamente aquela artéria da zona histórica da cidade, convidando quem por ali passa a aventurar-se à descoberta do espaço gerido pelos artistas André Sousa e Mauro Cerqueira, e assim confrontar-se com um outro trabalho, desta vez sonoro, que acentua algumas das leituras potenciadas pelo texto pintado, sem intervalos, no pavimento: "Red line red light red line red light..."

A linha vermelha e a luz vermelha são simultaneamente para atravessar e para percorrer. Elas desenham virtualmente um "loop", um círculo infinito do qual é impossível sair. Inscrito no chão, o texto actua como uma fronteira, lida de frente por quem desce a estreita rua, uma congosta tipicamente portuense, um obstáculo que se transforma imediatamente numa pista a seguir, um caminho na direcção de um espaço interior com uma dimensão algo privada, proibitiva, mesmo. A polissemia da intervenção é evidente: a "red light" presente na frase evoca, de alguma forma, bairros e casas de prostituição, activando dessa forma a imaginação erótica. Ao escrever uma frase na rua, a artista

acentua o carácter transgressivo do seu gesto - através da inscrição sobre o empedrado, Luisa Cunha não deixa de prolongar um desejo já presente num dos mais célebres slogans do Maio de 68, "Sous les pavés, la plage".

As questões abordadas em "Red", título do trabalho em que linha (desenho) e texto (palavra) se tornam indistintos, têm vindo a ser tratadas pela artista ao longo do seu percurso, recordando-se, por exemplo, "Dirty Mind" (1995) - neste caso, a obra é formada por um estore vermelho colocado numa parede; o ligeiro afastamento de uma das lâminas do objecto permite a Luisa Cunha convocar a dimensão voyeurista do espectador, que é confrontado com um texto reproduzido através de um altifalante: "I saw you/ going in/ going down/ disappear/ getting near/ going out" -, "Linha # 1" (2002) e "The Red Phone" (2007), trabalho apresentado no Museu das Comunicações, em Lisboa, o qual só era completado através de uma acção do visitante: atender o telefone de modo a poder escutar o texto gravado pela artista.

No A Certain Lack of Coherence, Luisa Cunha propõe a obra sonora "Hot", formada por três frases que são repetidas em "loop" a partir de uma "escultura-desenho" composta por um altifalante e respectivos cabos. A instalação do trabalho a uma altura próxima do tecto, num lugar onde habitualmente se colocam alarmes ou câmaras de vigilância, tem como objectivo sublinhar que os textos ali escutados são ordens, instruções, nas quais é possível detectar um erotismo latente: "Hot feelings must be handled with care" ("Sentimentos fêgosos devem ser manuseados com cuidado); "Always stir before voicing" ("Agitar sempre antes de verbalizar"); e "Voice very gently" ("Verbalizar muito delicadamente"). Apesar dos distintos conteúdos, sobretudo no que diz respeito às frases, aqui, no interior do espaço expositivo, dá-se a passagem do texto materializado no chão para a imaterialidade da voz, propagada através do ar. Uma linha erótica, esta exposição à qual a culinária não é de todo estranha.

Obrigado!